

## **A EDUCAÇÃO NA REPÚBLICA DE PLATÃO**

**Antônio Nunes Malveira**

(PEDRO II e ABRAFIL)

Platão, descendente de família nobre, pertencente à mais alta aristocracia ateniense, por isso, recebeu uma educação esmerada à altura de sua condição social. Teve uma irmã e dois irmãos, Glaucon e Adimanto, os quais aparecem como personagens no seu famoso livro, a República.

Cultivou os estudos da matemática, da música e da poesia, mas seu encontro com o velho Sócrates decidiu sua vocação filosófica. Viajou pelo Egito e, segundo alguns autores, esta viagem lhe foi, intelectualmente, de grande proveito.

De regresso à Grécia estabeleceu-se em Atenas, onde fundou sua famosa Academia, para dedicar-se ao ensino e a profundos estudos de filosofia.

Formou gerações, criou um grande número de discípulos, admiradores seus, entre eles encontramos o imortal Aristóteles que sempre mereceu admiração do mestre.

O gênero literário que escolheu como forma de expressão filosófica foi o diálogo do qual se serviu sempre para confundir o adversário nas discussões e investigações de cunho social, político e filosófico.

Nos diálogos encontramos a multiplicidade de elementos diversos, convicções cheias de vibrações e emoções que procuram conciliar-se entre si. Não foi um espírito lógico e racional, como seu discípulo Aristóteles, mas um lírico e um sonhador.

No entanto, era dotado de uma imensa faculdade de assimilação e de finíssima sensibilidade, deve a Sócrates sua iniciação no método indutivo como base de sua formação para conhecer e penetrar na essência das coisas, dos conceitos universais.

“A teoria das ideias não somente oferece a Platão uma solução do problema do ser e da ciência, mas também a orientação para o sentido prático da vida humana”. É em torno dela que se desenvolve todo seu sistema filosófico.

Na obra de Platão percebe-se, nitidamente, o anseio de vida eterna, o problema de Deus, do absoluto e do infinito. É patente sua influência na filosofia cristã. São Justino foi seu discípulo, frequentou com grande assiduidade a escola do mestre grego. “Teve a impressão de haver encontrado nele tudo o que buscava, pois se empolgou pela elevação e pelo e pelo idealismo da especulação platônica e, em particular, pela doutrina da existência de realidade incorpóreas”. O que sucedeu mais tarde com Santo Agostinho um de seus mais fervorosos discípulos o mundo cristão. “Ele encontrou na doutrina de Platão a diversidade ideal entre o ser absoluto- o único verdadeiramente digno do nome de ser – e o ser meramente participado”. Já na juventude, simpatizava Santo Agostinho com a filosofia platônica, talvez, porque coadunasse mais com seu

temperamento místico e poético. Em Platão teve o conhecimento de Deus e de seu Verbo, por isso, afastou-se do maniqueísmo cuja doutrina não satisfazia sua alma sedenta do verdadeiro amor-Deus.

Platão foi um espírito universal, preocupou-se com as artes, com a estética, com a verdade, com a justiça e com a Beleza Suprema, com todos os problemas que afetam a sociedade humana. Na República ele analisa a questão educacional. A República não é isenta de defeitos, não tem unidade, uma vez que o autor num mesmo capítulo aborda assuntos de natureza diversa, mas o tema central é sempre a justiça, pois, Platão sempre se preocupa com a estrutura de um Estado bem constituído, daí, talvez, sua constante preocupação com a educação da juventude.

Chama atenção para a educação dos jovens que mais tarde seriam os guardiões de cidade, a fim de que eles soubessem discernir entre a justiça e a injustiça. Aconselha o ensino da ginástica que julgava indispensável à fortaleza do preparo físico, porém sintonizado com o ensino da música, para que o homem de aspecto atlético não perdesse sua sensibilidade.

Mostrava, em seus debates, o apreço que se deve ter com os jovens no período de sua formação, porque é, justamente, nesta fase que conseguimos infundir, mais facilmente, na alma juvenil a orientação para vida, redundando mais em benefícios da segurança do próprio Estado. Como filósofo, profundo conhecedor da alma e, sempre atento à influência da arte na formação sociológica, apontou a necessidade de se fiscalizar, não somente os poetas, mas também os demais artistas, quando suas criações trouxessem a marca do vício, da intemperança, da vileza ou da indecência. E os inconsolados com tais resoluções, convenientes à moral social, deveriam ser proibidos de exercer função artística, para não corromper o bom gosto e, conseqüentemente, os costumes sociais que atingem a mocidade na escola da vida.

Arte, dizia Platão, é aquela que educa e orienta os jovens para a formação de uma sociedade sábia, livres da depravação moral. É necessário que a educação comece desde a infância, precedida de grandes cuidados, para que se prolongue durante a vida. Se o juiz julga a alma humana, aquilata seus defeitos e seus crimes, a condição primordial é ser íntegro, para que tenha a capacidade de sentenciar os delitos alheios, então não pode ser contaminado pelos maus hábitos na juventude.

As crianças devem ser educadas dentro de um sistema de normas para que na idade adulta sejam justas e operosas, “O hábito da ordem é a base da educação”. A educação eminente teórica não é o ideal, não atinge sua plenitude, nem os objetivos comuns, não resolve os problemas prementes da comunidade social, por isso, deve ser conjugada com a prática. “A verdadeira educação é aquela que mais contribui para civilizar os homens em suas relações entre si”.

Vai mais além, e dentro do espírito moderno, quando afirma categoricamente que cada indivíduo deve ser aproveitado, de acordo com as suas aptidões, especiali-

zando-se em determinado setor para conservar sua própria unidade. Os cidadãos bem orientados e educados se tornarão homens sensatos e ponderados, tornando a sociedade mais valorosa e dinâmica.

“A alma convenientemente educada, melhor se encarrega de si mesma”.

Defendeu os mesmos ensinamentos para os homens e para as mulheres, educação semelhante, já que elas estavam aptas a exercer as tarefas masculinas, portanto, necessário era ministrá-lhe conhecimentos de ginástica, de música, e também a arte de guerra.

O velho filósofo, com sua longa experiência dos homens, reconhecia que o assunto era controvertido, e que, para muitos as mulheres não teriam capacidade de competir com os homens, em todos os setores da atividade humana.— “tendo em vista a grande disparidade de natureza entre o homem e a mulher”. Entendia Platão que nenhuma ocupação é própria da mulher como tal, como também ao homem, mas que os dotes naturais estão distribuídos entre ambos. Todas as ocupações próprias dos homens são também das mulheres, só que estas são mais frágeis do que aqueles. A educação deve ter um objetivo na vida e, por isso, o professor deve transmitir aos alunos o que é útil, contudo, procurando sempre cultivar a virtude, ignorando as opiniões contrárias: este é o verdadeiro papel do educador.

Os jovens devem receber uma educação adequada durante o período de crescimento, amadurecer o intelecto para que possam mergulhar no estudo da filosofia e da dialética, ensinamentos perigosos quando não há um estado de espírito bem alicerçado para recebê-los. Platão na sua visão de conjunto recomenda o ensino das ciências exatas, visto que o estudo do cálculo, matemática e da geometria contribui para desenvolver o raciocínio mental do adolescente, mas que se mostre à correlação entre as ciências, e que, tal estudo seja espontâneo e transmitido àqueles que manifestem inclinação para este ramo do conhecimento humano. Com o seu poder de observação, com sua alma sensível aos problemas da família e da sociedade, manda que saibamos conduzir os jovens, pois, o excesso de liberdade degenera em anarquia que, pouco a pouco, se infiltra nos domicílios privados, contagiando a estrutura familiar, donde se conclui a necessidade da hierarquia para o bem da estabilidade social.

Para Platão, a função educadora implica seleção e formação, com profundo sentido social e político, porque dela depende o ideal supremo da comunidade. Considerava a função de governar com a mais excelsa de todas e, por isso mesmo, somente os indivíduos mais capazes e mais preparados especificamente, deveriam ser escolhidos para tão honrosa missão. Platão viveu tão distante de nós, em época tão remota, no entanto, suas teorias continuam tão vivas dentro de nossa sociedade.

Sob alguns aspectos, existe uma semelhança entre suas teorias educacionais e o atual sistema de ensino do mundo moderno o qual determina que se dê ao aluno um ensino prático para a vida, em harmonia com a própria teoria. Esta filosofia está

patente em nosso sistema educacional, em vigor, ordenando a sondagem das aptidões do educando, individualmente, procurando descobrir as tendências de cada um para que o ensino seja ministrado em consonância com o mercado de trabalho.

Mais ainda, que se leve a sério a educação artísticas, física, moral e física, todas indispensáveis à formação de cidadãos dignos da consciência nacional. A competição entre o homem e a mulher em todos os setores de atividade sociais é irresponsável. Ninguém mais censura o fato de uma mulher ocupar cargos públicos ou funções que, em tempos idos, eram privilegiados dos homens. Em todo organismo do Estado, encontramos o sexo feminino, em marcha ascensional e, às vezes desempenhando funções administrativas com segurança e assiduidade.

É a teoria de Platão em pleno funcionamento. Do filósofo e do político. Do homem de visões proféticas, que analisava os costumes de seu tempo e previa o futuro da sociedade. Do homem que defendia a igualdade do sexo, no direito e no trabalho.

Concordamos com a educação moderna, onde se percebe, constantemente, a teoria do mestre grego: A mulher tem todo direito e deve participar da vida social, política e administrativa do país, discutir os problemas cruciantes da sociedade, mas sem deixar de ser a condutora da família, em benefício da própria comunidade universal. Tudo isto se percebe na marcha do tempo. A sociedade será feliz? Apesar de vivermos em plena era tecnológica, das pesquisas científicas, das ciências aplicadas, o homem nunca sofreu tanta angústia. Falta-lhe a cultura do espírito como tantas vezes têm afirmado alguns sociólogos espiritualistas que se preocupam com a estabilidade emocional e psíquica da moderna sociedade.

De fato, a civilização que se deixa conduzir apenas pela razão leva uma vida totalmente artificial. E uma verdade insofismável, que a marcha implacável do tempo, encarregar-se-á de confirmar. Mas, como as grandes vitórias são frutos das grandes lutas, juntos destruiremos os obstáculos. Ora, “se o homem é uma síntese do finito e do infinito, do temporal e do eterno” precisa de um pouco de poesia, sem o que ele se tornará um autômato, um eterno desesperado, já que somos frutos do Transcendente.

Preparemos os nossos jovens já abalados pela fé, para a solidez de nossa civilização, sacudida por duas grandes guerras, uma vez que as conquistas definitivas das ciências que deveriam ser postas a serviço de bem-estar humano trouxeram para eles dias incertos, como dizia o padre Franca. Esta luta é nossa como educadores, responsáveis que somos pelo ideal da humanidade. Só a cultura humanística poderá salvar o homem dos rigores da técnica, dando-lhe uma concepção integral da vida e das artes. Esta alta missão cabe a nós que necessitamos de uma formação cultural e psicológica adequadas, para que possamos compreender os sentimentos da juventude, a fim de que ela seja moldada e adaptada à grandeza da Pátria. “Educação é comunicação de vida a vida”. Para a formação do homem, para o preparo de uma futura sociedade estável, é necessário que transmitamos aos nossos moços um pouco de estética, de harmonia poética e de humanismo sadio.

Desta maneira, teremos homens fortes, serenos e tranquilos, também uma sociedade irremovível nas suas bases culturais e morais, sempre confiante no seu destino, capaz de repetir com segurança, no dia a dia, o sábio conceito de Horácio: “Fortes creantur fortibus”.

(Conferência pronunciada numa sessão da sociedade dos Romanistas no Colégio Pedro II, na presença do Diretor Geral, Dr. Wandick, acompanhado de seus assessores).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

### OBRAS COMPLETAS-AGUILAR.

ETIENNE, Gislou. *História da Filosofia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1970.

FRAILE, Guilherme. *História de La Filosofia*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristãos, 1955.

SANTOS, J. Oliveir e PINA, Ambrosio de. *Confissões de Santo Agostinho*. Tradução do original latino. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1966.

ALMEIDA, Vieira de. *Contra Acadêmicos - Santo Agostinho*. Tradução e Prefácio. Coimbra, 1957.

TRATADOS MORALES. *Santo Agostinho*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristãos, 1954.

MENDONÇA, Eduardo Prado de. *Curso de Filosofia - Regis Jolivet*. Tradução de Eduardo Prado de Mendonça. Editora Agir.

FRANÇA, Padre Leonel. *A Crise do Mundo Moderno*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1955.

FRANÇA, Padre Leonel. *Formação da Personalidade*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1958.

KIERHEGAARD, Soren. *Desespero Humano*. Porto.

JOLIVET, Régis. *As Doutrinas Existencialistas*. Prefácio de Delfim Matos. Porto: Livraria Tavares Martins.

AMEAL, João. *Filosofia e Religião. São Tomás de Aquino*. Porto: Livraria Tavares Martins.